

Transferência e formação em psicanálise- IPEP

Deborah Steinberg

Boa noite a todas e todos, primeiramente gostaria de agradecer ao IPEP, no nome do Francisco Capoulade e à Suzane, pelo convite e oportunidade de organizar um pouco o que venho trabalhando em relação à transferência e também à formação. Gostaria de agradecer também a presença de todas e todos.

Estamos há 3 anos coordenando na Tykhe uma atividade sob transferência, Luís Américo e eu. Também, nesse período, fiz parte da direção da Tykhe, e na ocasião de uma jornada realizada no ano passado, trabalhei o tema da formação em psicanálise... Deve ser por isso que o Francisco me chamou. Cá estamos hoje a tratar destes dois pontos cruciais da psicanálise. Quero agradecer a oportunidade de trazer algumas questões, mas também deixar meu protesto. Quando eu comecei a escrever para este encontro, estava em férias, um pouco retirada do mundo, o corpo em férias não responde da mesma maneira, os sonhos são intensos, mas vem e vão sem muitas consequências, só servem para proteger o sono que vai ficando cada vez mais prenhe. Desta situação eu tento me arrancar, provocada pelo Francisco a apresentar hoje, o que para mim, não sei se para todos, mas para mim, significa escrever, elaborar algo é sinônimo de escrever, para mim. Preciso desta artimanha da escrita. Salve, salve!!

As leituras, elas não entram no modo férias, a não ser pelas escolhas de mais literatura. Estavam presentes comigo Franz Fanon, Guimarães Rosa, a Betty Milan, que publicou recentemente o relato de sua análise com Lacan. Chama-se “Lacan ainda”¹. É raro o percurso de uma análise vir a público assim. A questão

¹ Milan, Betty- Lacan ainda: testemunho de uma análise. Rio de Janeiro: Zahar, 2021

da transferência está em jogo do começo ao fim do livro, o manejo de seu analista, que não por acaso é nosso querido Jacques Lacan; além da leitura ser muito prazerosa, vale a pena. Ela fez análise com Lacan, pra valer, durante dois anos, de 1974 a 1976, antes tinha feito 4 meses apenas em 1972, mas depois retorna à análise, sem imaginar que isso aconteceria, após ter sido deixada pelo namorado, no Brasil (p. 61). Neste período também ela traduziu o primeiro seminário de Lacan, “Os escritos técnicos de Freud”. Vale a pena ver ali a força da transferência.

Bom, mas como tinha este trabalho, não pude ler psicanálise como se tivesse folheando revista, tive que usar o lápis e grifar, como podem ver de minha leitura de Betty Milan. Já a escrita, ela exige outro funcionamento, ela manda abrir o computador e encarar uma página em branco, solapa a inércia e nos empurra a andar. A escrita, ela faz isso com a gente, ainda mais quando estamos em férias, é ainda mais bruta sua exigência. Então, Francisco, te agradeço e protesto ao mesmo tempo.

Mas vamos ao que interessa, a formação e a transferência em psicanálise. Pode não parecer, mas é sobre isso mesmo que estou falando desde o começo. É sob transferência que escrevo, aliás, quando se trata de transferência, eu penso que é sempre sob e não sobre ela que se trata. Neste mesmo sentido vai a questão da formação, nossa forma na psicanálise, vai via transferência expandida em trabalho, engajamento.

A transferência, como todos estão cansados de saber, se dá em várias relações, desde Freud, começa pelo amor e por aí vai, professor, médica, amiga, etc. Mas como técnica, a psicanálise é a única prática que a utiliza como jeito de intervenção, de modo que o manejo seja justamente por seu acesso, da transferência. Escolhi fazer um recorte da transferência quando ela já está instaurada, ou seja, considerando, junto com Freud, que no início é o amor. O analisando chega ao analista, por uma indicação, o amor já está em causa. Mas tratarei a questão do lado do analista, em como ele lida com esta força em operação. Para tanto, utilizarei como fio condutor o artigo de Lacan “A direção

do tratamento e os princípios de seu poder”², de 1958, está nos Escritos, em que ele justamente trata a questão da transferência do lado do analista. É um texto longo, trabalhamos em cartel para deixa-lo mais fluido. Não se preocupem, não farei um tratado sobre o texto, pelo contrário. Ele me servirá de guia para trazer as questões para a atualidade de nossos dias.

Pois bem, este artigo já em seu título chama a atenção para o que eu gostaria de destacar na transferência hoje. No início é o amor, só que temos um aspecto fundamental com a qual nos deparamos, e que atua, por vezes, de maneira menos perceptível: a transferência também significa poder. Está no princípio.

É sobre essa face com a qual nos encontramos sem nos darmos conta, e friso isso, **sem nos darmos conta**, por ser um aspecto presente e determinante nas análises, que gostaria de dar ênfase. Isso que está no princípio, o poder, é um dos principais responsáveis, inclusive pelas resistências e fracassos nas análises. Carecem de reconhecimento e tratamento. Não é sem poder que a transferência se estabelece, se reveste. No sentido das forças que a move. O amor é perceptível e até pode se dar a ver e sentir, podemos dizer que é consciente. Mas o poder passa despercebido e atua do lado do analista das mais variadas formas e, contribui para a resistência do próprio analista. Já retomarei a questão da resistência.

Antes quero mencionar aqui as divisões do texto em partes como escanções, tal qual o processo de uma análise:

- I- quem analisa hoje;
- II- qual é o lugar da interpretação;
- III- em que ponto estamos com a transferência;
- IV- como agir com seu ser;
- V- é preciso tomar o desejo ao pé da letra.

² Lacan, Jacques- A direção do tratamento e os princípios de seu poder in Escritos; trad. Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Tais pontos são norteadores do que está em jogo na direção do tratamento. Farei breve comentário dos pontos, a partir da atualidade para que possamos levantar questões e conversar.

Quem analisa hoje é a questão que está na crista da onda, inclusive saindo nos jornais de grande circulação, a partir do reconhecimento do MEC de um curso de graduação em psicanálise. Traz à tona a formação do analista, algo tão singular e coletivo ao mesmo tempo. Singular pois passa pela análise pessoal, mas que vem à público, no modo coletivo, via pertencimento a alguma associação de psicanálise, cujo engajamento se faz através de elaborações, escrita e transmissão. Vera laconelli escreveu na Folha de terça passada um artigo sobre esta questão que gostei muito, ela toca no curioso **interesse** atual de muita gente querer se tornar analista. O que estaria em causa aí? Seria uma questão de mercado? Importante destacar que o analista paga com dinheiro, ele paga para fazer análise, ele paga para ser supervisionado em sua clínica e, ele paga para sustentar sua associação, contribuir com seu funcionamento, se envolver com a transmissão da psicanálise e não recebe dinheiro com isso, ao contrário, ele paga.

De fato, a quem deseja se embrenhar pela psicanálise, há se fazer um pagamento, mas este pagamento estaria mais dirigido à questão da perda. Pagamento no sentido de perder algo, perder algo de si. Coisa que o pagamento com dinheiro pode não garantir, tampouco, que haja a tal perda.

Por que trago esta questão? Pois a questão de pagamentos pode estar a serviço da resistência. Em que medida? Na medida em que entra no eixo do poder: poder de pagar para poucos x impotência de poder pagar para muitos. Facilmente e de maneira explícita temos inúmeros exemplos de formações caríssimas e impeditivas. Mas tais exemplos não são únicos lugares de formação. A decisão em se tornar psicanalista e aqui volto com a Vera, diz de uma causa íntima, decidida em análise sob transferência com seu analista. Toca num ponto caro à psicanálise que é o desejo em causa. Não é feito e concluído em turma, como numa turma de bacharéis. É singular. Numa torção que vai do íntimo ao público.

E nesta torção que vai do íntimo ao público, há um pagamento que o analista faz que não é de dinheiro.

Aqui sigo com Lacan. Podemos dizer que o analista, quando analisa, ele paga com palavras, via interpretação; ele paga com sua pessoa, emprestando suporte aos fenômenos singulares, às fantasias nele depositadas, via transferência e ele paga com o que ele tem de “mais íntimo para intervir numa ação que vai ao cerne do ser.” (p. 593); E, no público, ele paga também com suas elaborações. Afinal, o inconsciente não tira férias. O analista sim, mas o inconsciente não.

A resistência atuaria, então, como suposta impotência de pagar com dinheiro aquilo que nem sempre se decide pagar com seu ser. Ao mesmo tempo, o pagamento continua funcionando como resistência às situações em que se supõe estar quites com os devidos pagamentos de associações e cursos, mas que não se entrega mais nada de si. Em tais casos o dinheiro não tem força de pagamento como um naco da carne. As vezes o pagamento pode servir tão somente para me manter intacta.

Caso o analista não esteja advertido, a transferência será servida à resistência. E vejam, não basta saber disso. Dou um exemplo próprio. Recebi de um colega um paciente excessivamente inibido, estava ali a duras penas. Não falava quase nada. Fiz algumas entrevistas com muito custo. Ele relatou que na faculdade, tem uma aula em que o aluno precisa contar um caso clínico diante da sala. Ele já foi convidado a falar e recuou. Eu disse a ele para não olhar o professor, assim ele poderia se esquivar deste martírio. Ele me olhou com surpresa. Eu mesma achei que ele não voltaria. Comentei com o tal colega que achava difícil ele querer falar e tals, que não sabia se ele estava disposto. Ao que meu colega disse: “não desiste dele não”. Foi então que percebi que a resistência estava do meu lado. Por que Lacan diz que a resistência é sempre do lado do analista? Pois o analisando vai tentar ao máximo, inconscientemente, se desviar, impedir, racionalizar, discordar, concordar, recalcar para evitar a angústia que é ao mesmo tempo desejo.

Ao analista cabe não fazer coro a tais funcionamentos a serviço da resistência, não se autorizar a ficar dando significações à sua fala, mas aguardar até que a resposta ou a questão surja da boca do analisando sem que ele tenha se dado

conta. Daí o analista não atrapalhar, ou seja, não acentuar a resistência do analisando colocando-se como alguém que sabe mais do que ele. Aí encontraríamos uma luta de prestígio, nada a ver com análise. A não ser com aquilo que o analista haverá de tratar em sua análise, pois refere-se a questões acerca do narcisismo que engrossa o caldo da transferência em seu eixo do poder.

E aqui entramos no outro ponto: como agir com seu ser. Tocamos na questão do pagamento, que o analista paga com seu ser. E seu ser, como ele responde? Responde com nada, “não para frustrar o sujeito, (em sua demanda) mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida” (p. 624). A frustração não para ele experimentar esta desgraça que ninguém quer. “Não saber lidar com a frustração.” Se alguém souber lidar, me ensine, por favor... o que interessa quando surge a frustração são os significantes associados a esta falta, este mal estar, pois aí a frustração, imaginária que é, se articula ao simbólico, deslocando-se de seu estado de paralisia.

A questão da demanda é um ponto nodal da transferência. Diz-se como jargão que o analista não deve atender a demanda para que o desejo apareça. Sim, mas isso parece tão pouco evidente. Basta o analisando se queixar de algo da análise, que o analista já procura melhor se colocar, melhor interpretar, satisfazer aquela demanda. Resultado: acting out, ou seja, o analisando “interpreta” o analista, mostrando que tem um mais além que ele preserva e persevera intacto. Só ele tocará na medida de seu tom. Não no tom do analista. Taí a transferência se estabelecendo como poder, no funcionamento de sugestão. A sugestão é o outro nome do poder em ação. Dou outro exemplo:

Uma analisanda depois de se queixar de um sintoma recorrente, fez associações com outro aspecto de sua vida e a análise se desgarrou daquele sintoma no dia. Ela, depois se queixa de que eu não dei a devida importância ao sintoma, a seu sofrimento. Passada outras sessões ela se queixa de não conseguir se acostumar com aquela dor do sintoma, ao que eu digo que não dá para se acostumar com o mal estar. Resultado. Ela foi ao hospital depois disso, pois tinha de fazer algo com aquilo que ela estava sentindo. A médica lhe encheu de remédio, ela achou melhor ir embora do hospital. Ou seja, eu atendi a sua demanda de que precisava reconhecer mais sua dor. Ela dobra a aposta e vai

ao hospital ser cuidada. Li isto como um acting out dirigido a mim, de que minha resposta serviu como combustível para sua ida ao hospital. Poderia ter aceito sua queixa em silêncio talvez, justamente para esvaziá-la.

A demanda mais primitiva, ou seja, aquelas que surgem a partir da satisfação da necessidade oral, articulada aos significantes, são as que produzem as identificações mais antigas, com o que? Com a onipotência materna. O poder, a potência da mãe (que pode ser outro alguém) é oni-potente, ou seja, pode satisfazer, pode deixar a deriva, ao abandono, pode tudo, inclusive deixar morrer ou viver. O sujeitinho entregue a esse poder, desamparado por completo, é o que está em jogo na onipotência materna, que produz tal identificação. As demandas vêm daí, articuladas aos significantes. E responder a demanda do sujeito pode tão somente perpetuar a relação poder/satisfação, impotência/insatisfação. Cabe ao analista escapar deste eixo cuja força de correspondência é tamanha. Encontramos aí a transferência e o princípio de seu poder. A direção do tratamento não vai por esta via, embora seja essa uma via com força bruta de atração. A sugestão é o que marca esta posição, e o sujeito acaba se conformando a isto, se mantendo na impotência ou onipotência, como preferirem. A proposta de Lacan é que a direção seja dada ao tratamento e não ao sujeito, uma vez que não é pela via da sugestão que corre a análise, esta, só favoreceria uma assujeição. É o sujeito que aponta seu desejo, sem sabe-lo. Daí que podemos entrar no quinto elemento:

É preciso tomar o desejo ao pé da letra.

Não à toa o sonho é a formação inconsciente mais emblemática que encena o desejo, já que sua função é proteger o sono, o Eu está suspenso, ou melhor, dormindo, há uma retração da libido narcísica e desinvestimento da realidade, o desejo pode se manifestar cenicamente, em imagens, articuladas aos significantes. Imaginário e simbólico em sua expressão viva, interessante se torna, na psicanálise, sua elaboração, ou seja, na sua estrutura de linguagem. (p. 629).

Os sintomas também são carregados e formados pelo tal desejo, que passa ao largo da concordância do Eu.

Neste campo do desejo, surgem outras identificações, não tanto aquela da onipotência materna, mas sim, a identificação com o objeto de interesse ao Outro, com o objeto que falta ao Outro, o chamado falo, como significante desta falta no Outro, daí a identificação com a falta no ser.

“O desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta a ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também lugar dessa falta.

O que é assim dado ao Outro preencher, e que é propriamente o que ele não tem, pois também nele o ser falta, é aquilo a que se chama amor, mas são também o ódio e a ignorância.” (p. 633). As tais paixões do ser, que a demanda evoca para além da necessidade articulada ao significante. É disso que o sujeito fica privado quanto mais sua demanda é satisfeita. Podem procurar, isto está no final da página 633 da Direção do tratamento e os princípios de seu poder.

E nisto que falta ao Outro, com a qual o sujeito quer se identificar para satisfazer ao Outro e com isto gozar, supondo-se ser tudo o que falta ao Outro é a verdadeira armadilha da rede de pesca ao qual ele se vê capturado, como um peixinho distraído, o sujeito se acha capturado neste sintoma. Quer ser para o Outro, esse objeto fascinante, quando, no máximo, ele pode, as vezes ter e em seguida perder esse objeto de fascínio.

Aqui, trarei o exemplo de Betty Milan³, quando diferencia lugar na fantasia e desejo (p.98).

Para contextualizar, ela é a primogênita de uma família de origem libanesa e, portanto, seguindo a tradição, ela deveria ter nascido homem. Assim, era deste lugar, na fantasia, que ela queria responder ao desejo do Outro, ser como homem. Só que em dado momento, surge o desejo de engravidar e ter um filho. E isso aparece através de um sonho que ela teve com uma amiga, a quem, no sonho, estava grávida.

³ Milan, Betty: Lacan ainda: testemunho de uma análise- Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Ela diz, em sessão, que talvez gostaria de ter um filho franco-brasileiro. Ao que Lacan pergunta: “Por que não?” e interrompe a sessão.

Segundo ela, ele fez isso só porque seu desejo de ter um filho havia se expressado e aqui aparece a diferença de sua fantasia.

“O desejo era contrário à minha fantasia de ser um homem como se esperava que eu fosse. Noutras palavras, ele (o desejo) subvertia o imaginário, me empurrando para uma posição nova. Isso obviamente só aconteceu graças a uma manifestação do inconsciente no curso da análise”. (p. 98)

Frantz Fanon⁴ que escreve: “o passado informa então o indivíduo. É o passado transmutado em valor. Mas posso também recapturar o meu passado, valorizá-lo ou condená-lo em função das minhas escolhas sucessivas”. (p. 239) O que interessa é poder sentir-se livre do passado, para Fanon e continua: “Devo me lembrar a todo momento de que o verdadeiro salto consiste em introduzir na existência a invenção” (p. 240). O passado in-forma, forma interna, mas será que forma ou trans-forma, lembrando também a questão da formação em psicanálise? Será que basta informar para formar psicanalista?

Para finalizar esta ideia, trago uma contribuição de Didi-Huberman⁵, sobre uma crônica de Clarice Lispector de 1969 chamada “Medo da libertação” em que ela diz: “Se eu me demorar demais olhando ‘paisagem com pássaros amarelos’ (de Klee), nunca mais poderei voltar atrás. Coragem e covardia são um jogo que se joga a cada instante. Assusta a visão talvez irremediável e que talvez seja a da liberdade. O hábito que temos de olhar através das grades da prisão, o conforto que traz segurar com as duas mãos as barras frias de ferro. A covardia nos mata. Pois há aqueles para os quais a prisão é a segurança, as barras um apoio para as mãos. Então reconheço que conheço poucos homens livres. Olho de novo a *paisagem* e de novo reconheço que covardia e liberdade estiveram em jogo. A burguesia total cai ao se olhar *Paisagem com pássaros amarelos* (quadro que) não pede sequer que se entenda: esse grau é ainda mais liberdade: não ter

⁴ Fanon, Franz- *Pele negra, máscaras brancas*- trad. Sebastião Nascimento e colaboração Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020

⁵ Didi-Huberman, Georges – *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*; trad. Eduardo Jorge Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

medo de não ser compreendido. Olhando a extrema beleza dos pássaros amarelos calculo o que seria se eu perdesse totalmente o medo”.

E Didi-Huberman comenta:

“Olhar, se emocionar: em todo caso é se mover. É então, num momento, escolher uma direção. Gesto ético por excelência como o de decidir; não o de se emocionar ou não, mas de *se envolver na direção onde se emociona* e, de qual modo, diante do outro e de si mesmo” (p. 22-23).

Taí a proposta da formação em psicanálise e a transferência.

Muito obrigada!!!

Paixões do ser: são justamente os sentimentos que mantém o Eu sem divisão, sem dialetizar suas ações e crenças.

Campinas, fevereiro de 2022